

Felipe Andrés
González Murillo > **Laboratório infinito**

> Mestre em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza, Brasil. É artista cênico costarriquenho, pesquisador e professor independente. Praticante da arte-xamanismo e outros saberes-fazer para os processos decoloniais e performatividades nômades.
E-mail: pipexxv@gmail.com

Corpo é complexidade, paradoxo e (in)constância. (Não) deixa de ser. Fascinante pensar que, quando bebe-se um copo de água, esta vira corpo e os líquidos excretados mais tarde viram ambiente, clima, viram tempo. O mesmo ao respirar e ao estar em contato com qualquer objeto e experiência.

Transitar e ser transitado.

Os vários trânsitos viram trajetos, que logo viram corpo e vice versa. A experiência feita do “estando” e do “sendo”. Conhecer e criar conhecimento ao mesmo tempo. A percepção e o desejo pela via da opção decolonial, propositora de anárquicas e afetivas formas de estimular esse conhecer e agir no mundo.

Tomo aqui o ato de perceber e de afetar-se como práticas e performatividades para pesquisar a partir do sensível e compartilhar conhecimento. Arte, ciência, e xamanismo transitam por essas práticas e performatividades.

Transitam e criam corpos.

Corpos feitos de fazeres e de saberes como experiências e conhecimento de específicos aqui e agoras.

Saberes-fazeres que se manifestam quando acontecem.

Informação viva, configurada, inscrita como corpo.

Que não pára.

Movimento e nomadismo.

Daí saber ser nômade, saber transitar e ser transitado de onde se está.

Daí poder dissolver, dissolver-se em cada encontro, nos trânsitos.

A dissolução como potência afetiva.

Contato e produção de afetos no encontro com as matérias e não-matérias. Aquelas que me contavam os mais velhos e com as quais me encontrei. Nesses encontros, descobrir que somos seres abertos a dialogar pela via do sensorial, do movimento e da imagem.

Viagens a partir do movimento molecular até o movimento de *bits* digitais.

Movimentos elétricos do corpo até movimentos elétricos de aparatos eletrônicos.

Visível e invisível.

Dialogar no presente com as matérias ancestrais e as matérias mais recentes.
Entre o antes e o futuro.

Dançando no vento ancestral para apre(he)nder, com o dispositivo “criatura do vento”

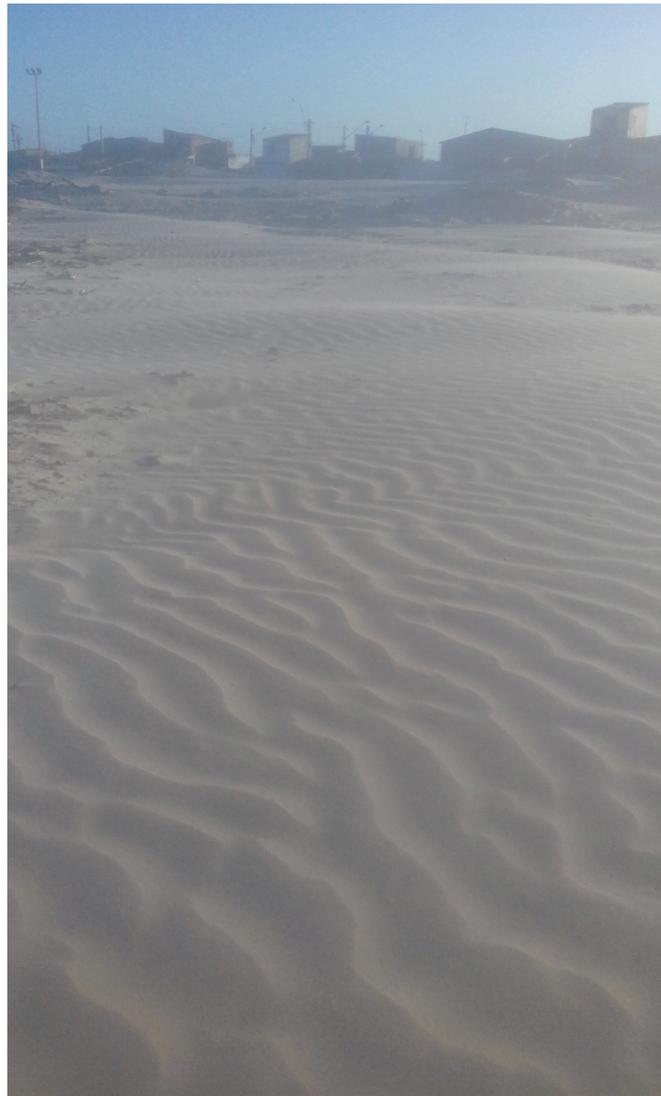


Figuras 1 a 3:
Foto: Filipe Acácio.



Figura 4:
Foto: Arquivo próprio.

Dançando dunas novas que são logo dunas velhas, e ao cruzar o oceano, viram dunas novas de novo. Dançar é transitar sem tempo. Nomadismos como modos de conhecer e habitar o mundo. Temos este ancestral saber-fazer de estar e ser, escutar e expressar nos modos que o *agora* manifesta-se.



A experiência de habitar um espaço como um conhecimento compartilhado das entidades climáticas e geográficas, entendidas como *Apus*. Traduzidas em movimento e imagem, procuram formas de conhecer o mundo. Os *Apus* seriam, na tradição andina, nossos irmãos mais velhos, aquelas entidades que tem muito mais tempo de existência que nós, aprendendo sobre a existência mesma e compartilhando-a para quem possa escutar. Ligados sempre ao contexto de Pachamama, a Mãe Terra, apresentam-se como uma montanha, uma lagoa, dunas, massas de ar e até mesmo como árvores. Estão ali, no seu transe entoadado, na sua vibração certa.

Existem máquinas de vento, que podem coletar parte dessa energia livre, na beira da cidade. Mas essa entidade-massa de ar que rodeia e dá volta ao mundo, vem cantando também. Tal poder não pode ser coletado por máquinas. Pode sim transpassar um corpo disposto a se diluir. Diluição para aprender. Nomadismo para saber-fazer nesse aqui e agora particular.

Uma carícia a 40km/h desfaz e faz. Massageia a superfície de onde emergem sinuosidades caminhantes. A areia come a cidade enquanto avança. Moradores e dunas convivem numa poética em meio a gritos da marginalização e da sobrevivência crescente.

Figura 5:
Foto: Arquivo próprio.



Figuras 6 e 7:
Foto: Arquivo próprio.

No contato com seres mais velhos que nós, as carícias podem
mais. Conhecer-se no encontro.



Figura 8:
Foto: Arquivo próprio.

A árvore te ensina a escalá-la na medida em que saibas escutar com todas as suas células e enquanto te dispões a conversar.



Figura 9:
Foto: Nadine
Nascimento

Dissolução como caminho, para tornar-se com, para tornar-se além.

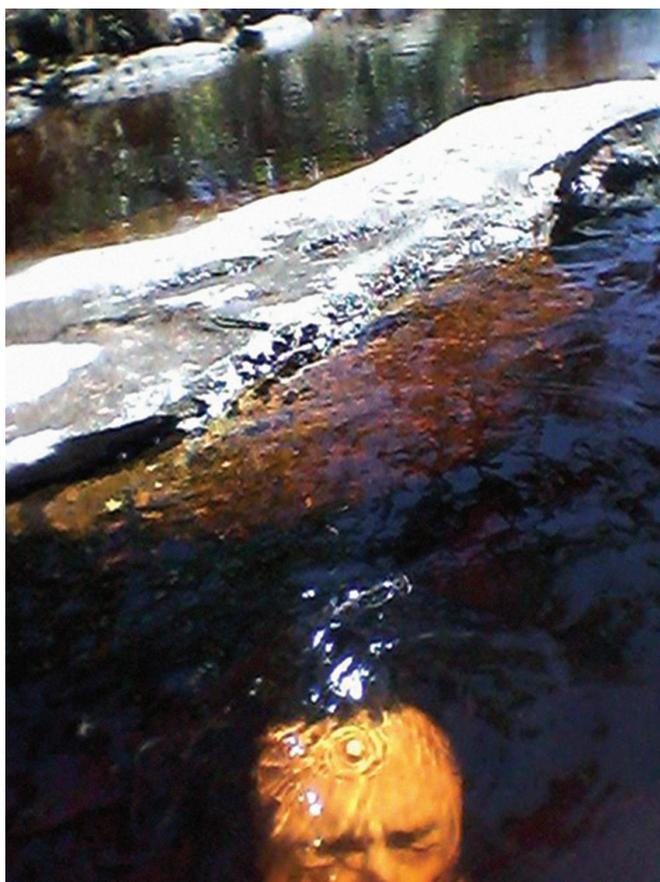


Figura 10:
Foto: Arquivo próprio

Dissolução, para mergulhar nas profundidades dos corpos que emergem, entre alguns espaços, laboratórios infinitos do sentir, do afeto e do ser, estar, habitar, criar, comunicar.